



Endereçar, Ensinar e Aprender: Cartas Pessoais no Ensino de História, diálogos possíveis.

São frequentes as análises sobre o Ensino de História acerca das metodologias, tarefas, abordagens e usos de materiais didáticos, mas não são comuns estudos que tratem do endereçamento de Cartas Pessoais como recurso para o processo de aprendizagem, esse sendo o objeto de investigação desse trabalho, cujo objetivo é sistematizar os resultados do estudo de Ensino de História desenvolvido na disciplina de Brasil III (1930 até a atualidade), ministrada na Universidade de Caxias do Sul aos graduandos do sétimo semestre do curso de Licenciatura em História. Empregando uma metodologia em que se amalgama a escrita da história, com o endereçamento, explicado por ELLSWORTH (2001,p.47) para quem “o modo de endereçamento consiste na diferença entre o que poderia ser dito – tudo o que é histórica e culturalmente possível – e inteligível de se dizer – e o que é dito”, e o tempo presente, sobre o qual alerta REIS (2012, p. 30): “ele é o ponto de partida de toda representação de tempo, o que divide o tempo em passado e futuro. É sempre de um ponto de vista presente que representa o passado e o futuro”; associando esses conceitos à história cultural, a partir das reflexões feitas por BURKE (2000), constituem o corpus desse trabalho. Se buscou analisar e refletir sobre a importância do Ensino de História, GONTIJO org.(2015), e as possibilidades resultantes do diálogo entre passado e presente, bem como a história social do conhecimento e memória através das Cartas Pessoais. Os recursos utilizados foram textos acadêmicos sobre as temáticas políticas e sociais do período de 1937 até 1989, e impressos jornalísticos; para a reflexão sobre tais, se fez uso de NÓVOA (1997, p.11), partindo de sua afirmação de que “A análise da imprensa permite apreender discursos que articulam práticas e teorias, que se situam no nível macro do sistema, mas também no plano micro da experiência concreta, que exprimem desejos de futuro ao mesmo tempo que denunciam situações do presente”. As conclusões revelam que o ensino de história associado às necessidades da história ensinada no contexto atual brasileiro, evidenciam a urgência de práticas reflexivas que possibilitem análises teóricas do uso de materiais, sejam impressos ou escritos pelos próprios alunos, as quais acabam por distinguir práticas escolares comuns a determinadas épocas bem como os estranhamentos, levando a reflexão sobre a escrita e a memória. Afora isso, o ensino de história associado à profissão de historiador também permite a afirmação da essencialidade do Ensino de História através da concatenação de diversas necessidades.

Palavras-chave:

História, Ensino, Cartas Pessoais, Memória.

Cartas escritas por graduandos em pleno século XXI possibilitam pensar além do próprio escrito, e daí o questionamento: por que cartas e não artigo, resenha ou outro gênero textual? A opção foi feita por objetivar escritas pessoais, dialogando com um ente real ou fictício, escolhido pelo aluno, e que signifique reflexivamente dentro de um período histórico determinado pela professora.

A prática das cartas têm suscitado nos alunos várias expectativas, que se consolidam em escritas acadêmicas informais, mas repletas de conhecimentos e sensações. BAUMAN (2011,p.9) explica a sua inserção nessa tarefa



Proponho-me fazer nessas cartas o que essa máquina hipotética (desgraçadamente ausente, e, talvez por muito tempo) poderia realizar por nós se a tivéssemos à mão: pelo menos começar a separar as coisas que importam das matérias não substanciais - que parecem ser cada vez mais importantes - , dos alarmes falsos e dos fogos de palha.

Ao escrever uma carta, necessita-se de uma espécie de serenamento da mente, isto é, buscar em si a forma adequada, o momento acertado e o destinatário mais significativo. Não se trata de escrever maquinalmente, pois essa forma literária envolve movimentos pessoais associados ao destinatário. Parafraseando o autor, em tempos líquidos como os que vivemos, a escrita de cartas está em desuso, BAUMAN (2001, p. 109)

“Agora” é a palavra-chave da estratégia de vida, ao que quer que essa estratégia se aplique e independente do que mais possa sugerir. Num mundo inseguro e imprevisível, o viajante esperto fará o possível para imitar os felizes globais que viajam leves, e não derramarão muitas lágrimas ao se livrar de qualquer coisa que atrapalhe os movimentos. Raramente param por tempo suficiente para imaginar que os laços humanos não são como peças de automóvel – que raramente vêm prontos que tendem a se deteriorar e desintegrar facilmente se ficarem hermeticamente fechados e que não são fáceis de substituir quando perdem a utilidade.

Dessa forma, a escrita das cartas proporciona reflexões e encontros com o conhecimento histórico brasileiro do século XX e XXI, além de entre o remetente e o destinatário, exigindo diálogos entre ambos e com o ensino de história. Colabora Nóvoa (2014, p, 24)

Uma carta permite maiores liberdades do que outros estilos. Nela, o que interessa é a relação, esse diálogo em que cada um converse consigo mesmo quando se dirige ao outro, ainda que seja um outro imaginário.

A liberdade permitida pela escrita da carta permite demonstrar as aprendizagens e as sensações experimentadas pelo escritor, que, ao socializar com o destinatário os conhecimentos construídos através das leituras e seminários desenvolvidos no semestre, reflete sobre o processo de instrução vivenciado e vincula o contexto presente e o estudado.

Santos (2010, p, 53) ao explicar as cartas e seu objeto de estudo, esclarece

Essa habilidade para inscrever-se no texto e, de certa forma, “conduzir” o leitor, estabelecendo com ele um pacto para seguir a autora – um traço fortemente autobiográfico que a escritora imprime também em seus textos literários – seria restrita a autores da qualidade de Clarice Lispector? Teria a escrita epistolar de “pessoas comuns” 2 também essa característica?



Em seu trabalho intitulado “fazeres autobiográficos e cartas pessoais” a autora analisa as cartas pessoais, através da leitura de escritas de pessoas intituladas *comuns*; trata-se de uma metodologia que indica a relação com a autobiografia de quem escreve, portanto, há aproximação com este estudo, mas, ao mesmo tempo, diverge, na medida em que há indicação temática e faz parte de atividade acadêmica voltada ao ensino de história.

O Ensino de História

O ensino de história constitui um campo de estudos e práticas permeado por desafios. São comuns tanto pessoas que gostam de história, quanto que gostam menos, e, ao questionar por que não apreciam, comumente a resposta se associada às metodologias baseadas em repetições e memorizações sem significados, e que, portanto, levam a crer que a disciplina não possui sentido. No entanto, aos profissionais da área, ela se configura como a mais importante para o processo de desenvolvimento crítico e construção de consciência histórica. Para RÜSEN (2011, p. 39)

O aprendizado histórico é uma das dimensões e manifestações da consciência histórica. É o processo fundamental de socialização e individualização humana e forma o núcleo de todas estas operações. A questão básica é como o passado é experienciado e interpretado de modo a compreender o presente e anteciper o futuro. Aprendizado é a estrutura em que diferentes campos de interesse didático estão unidos em uma estrutura coerente.

Ao atribuir o significado do aprendizado histórico a socialização e individualização humana, o autor valoriza a narrativa, permitindo a associação com as cartas pessoais. Nesse sentido, FERREIRA e FRANCO (2013, p. 128) assinalam sobre o ensino de história

O ensino escolar ganha na medida em que pode se utilizar da diversidade de interpretações como forma de expor a multiplicidade de enfoques, própria do conhecimento. Nesse sentido, compreender as lógicas de elaboração da escrita da História pode contribuir para a autonomia da História ensinada, tendo or base a sua diversidade.

Para fazer uso da diversidade de interpretações buscando significado para a história, os autores salientam que o profissional deve ter conhecimento sobre a elaboração de narrativas e os aspectos relacionados ao ofício de historiador, possibilitando uma espécie de mimetização do saber acadêmico para a sala e aula. (idem, p. 129)



A história é uma disciplina que elabora discursos sobre o passado. Por isso, é fundamental o entendimento de que o passado e História são instâncias autônomas, mesmo que intimamente relacionadas. Cabe a professores e alunos a compreensão de que reler os vestígios do passado e reinterpretá-los constitui a base do conhecimento histórico.

A importância da história é contemplada por diversos autores, nesse estudo faz-se uso das palavras de CERTEAU (2015, p.5)

Entendo como *história* essa prática (uma “disciplina”), o seu resultado (o discurso) ou a relação de ambos sob a forma de uma “produção”. Certamente, em seu uso corrente, o termo *história* conota, sucessivamente, a ciência e seu objeto – a explicação que se *dize* a realidade *daquilo que se passou ou se passa*. (...) O próprio termo “história” já sugere uma particular proximidade entre a operação científica e a realidade que ela analisa.

Sendo a história prática disciplina escolar, e tendo o discurso como resultado, busca-se que o obtido seja significativo a ponto de provocar consciência histórica com meios de aprendizagem, sendo necessário ter presente as características da ciência histórica.

Os constantes diálogos entre os profissionais da área são fruto de preocupações relacionadas com o ensino de história e a presente necessidade de acentuar sua importância para uma sociedade em transições políticas, econômicas e sociais. Para MONTEIRO (2004, p. 123)

No processo de constituição do conhecimento histórico, os processos reflexivos e analíticos, mobilizados e articulados por diferentes metodologias, permitem compreender ou explicar práticas e representações de sujeitos humanos, históricos, que estabelecem relações entre si e com a natureza, e que são registradas em documentos de diversos tipos, sendo percebidas através de diferentes dimensões temporais: sucessões. Durações, simultaneidade, ritmos. Da relação entre o real e o discurso, os historiadores elaboram, fabricam a História, criando a historiografia – história e escrita, expressando o paradoxo do relacionamento de dois termos antinômicos – o real e o discurso.

As narrativas em forma de cartas suscitam compreensões sobre relações históricas e tempos históricos.

Cartas Acadêmicas no Ensino de História

São primados os processos avaliativos acadêmicos na forma de provas dissertativas, objetivas, mistas, seminários, produções acadêmicas individuais ou grupais, entre outros.



Desconfortável com tais avaliações e motivada pela ciência de que alunos de sétimo semestre da graduação em História já tiveram contato com as mais diversas formas de exames, optou-se pela escrita de cartas.

A opção por essa forma iniciou em 2011, tendo passado por várias adequações até o primeiro semestre de 2017. Inicialmente, foi solicitado que os graduandos escrevessem cartas a alunos, baseando-se em experiências desenvolvidas nos Estágios de Observação e Estágios de Práticas com o Ensino Fundamental e Médio. Ao ler e avaliar as escritas, constatou-se que a escrita não era pessoal, mas mantinha resquícios dos planejamentos das aulas.

Depois, visto que o resultado não foi satisfatório por não ter configurado uma correspondência, foi decidido que o endereçamento seria reavaliado. Contribuiu para isso, ELLSWORTH (2001,p.13)

Os filmes, assim como as cartas, os livros, os comerciais de televisão, são feitos *para* alguém. Eles visam e imaginam determinados públicos. (...) As distâncias podem ser econômicas, temporais, sociais, geográficas, ideológicas, de gênero, de raça. Entre a redação do roteiro e a exibição, os filmes passam por muitas transformações. Entretanto, a maioria das decisões sobre a narrativa estrutural de um filme, seu acabamento e sua aparência final são feitos à luz de pressupostos conscientes e inconscientes sobre “quem” são seus públicos.

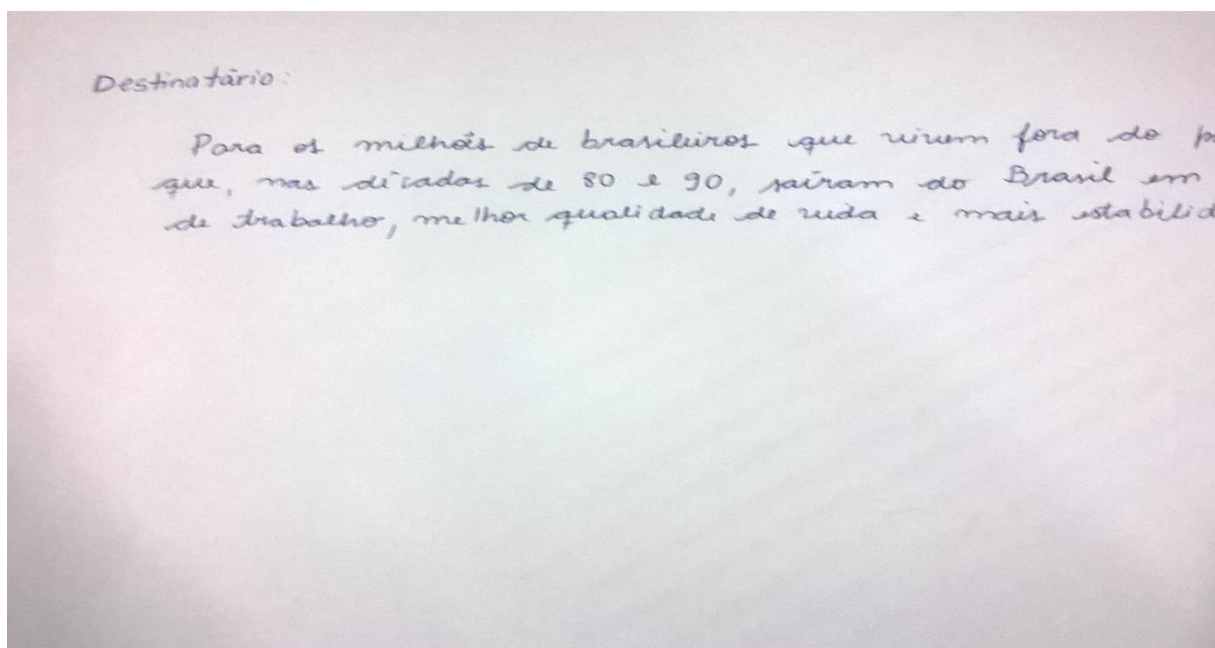
Ao refletir sobre o endereçamento, a autora propõe a transposição das práticas de cinema para a educação, provocando diversas análises sobre as práticas de ensino. Assim, optou-se pelo tema endereçamento das cartas, pois proporcionam ao seus redatores escolher o destinatário, objetivando uma narrativa descritiva sob o seu ponto de vista.

Dessa forma, com a migração metodologia para a escolha de um destinatário, real ou não, e que o remetente deveria o identificar com nome, idade e local de residência, movimento de decisão esse que se provou um dos mais exigentes, uma vez que a escrita deve ser adequada as características do recebedor da carta. Entre os destinatários, há preferência a parentes próximos: filhos nascidos ou por nascer, mães, primos, e, sobretudo, avós. A escolha pelos avós relaciona-se ao fato de que vivenciaram o período sobre o qual o remetente escreve. Mas surgiram escolhas também para o futuro: para a morte, para personagens literários, filósofos como Sartre, de programas televisivos



como Dona Florinda, algumas correspondências foram destinadas à professora, e mesmo ao próprio acadêmico no futuro. Dessa forma, cada destinatário recebe uma forma de escrita particular, dirigida pontualmente e em linguagem apropriada a si. Alguns exemplos que caracterizam os endereçamentos:

Figura 1 – Envelope - Destinatário



Fonte: Acervo Pessoal

Endereçar e Escrever

Para a escrita, os acadêmicos dispõem de duas a três semanas no período final do semestre. Para subsidiar a escrita, durante os estudos são lidos e debatidos textos a respeito do contexto brasileiro e internacional de 1930 e 2017; durante a redação são permitidos também o uso de impressos, revistas, jornais de circulação nacional e regional, com posturas ideológicas diferentes. A carta deve possuir no mínimo três e máximo cinco páginas e ser preferencialmente manuscrita. Esse formato passou a ser solicitado nos últimos seis semestres.

Em 2014, segundo semestre, a escrita foi feita sobre o período de 1994 até 2014. Como atividades anteriores, foram realizadas leituras de bibliografias sobre o Plano Real, análise de conteúdo da Carta ao Povo Brasileiro de 2002, do discurso de posse do



presidente Lula, e realizado seminário a respeito das ações afirmativas e políticas públicas desenvolvidas durante o período. Como exemplo utiliza-se a carta da aluna Maria (pseudônimo para fins desse trabalho), que escolheu como Destinatário: “Para os milhões de brasileiros que vivem fora do país que, nas décadas de 80 e 90, saíram do Brasil em busca de trabalho, melhor qualidade de vida e mais estabilidade”, e denominou como remetente “uma estudante brasileira de História. Devido a impossibilidade de transcrevê-la integralmente, foram selecionados alguns trechos que significam o endereçamento e o conteúdo refletido nas aulas e nas atividades indicadas:¹

Sou uma mera estudante brasileira, de apenas 27 anos. Sei que não senti os intensos anos pelos quais a sociedade passou desde o conturbado processo de redemocratização de nosso país.(...) Hoje, como estudante de História, consigo perceber melhor o drama vivido por vocês, e consigo entender muitas das razões que os levaram a deixar nosso país, em busca de melhores condições e estabilidade.

Encontrado na primeira página, o parágrafo faz referência as aulas que tiveram sobre o tema processo de redemocratização do país, lecionados de forma expositiva, e debate do texto “Os ministros da Nova República – notas para entender a democratização do poder executivo” de Maria Celina D’Áraujo, escrito em 2009

A retomada da democracia no Brasil levou a uma necessária reflexão sobre o voto e os representantes, mas relegou a segundo plano estudos sobre certas esferas de poder que não estão diretamente conectadas ao voto (não são cargos eletivos), mas são ocupadas por pessoas com fortes laços dentro do sistema de poder. Este é o caso dos Ministérios, tema deste trabalho, que se centrará especialmente no perfil de seus ocupantes. Em geral, sabemos pouco sobre a elite que chegou ao poder em 1985, especialmente nos cargos executivos.

Na sequência a autora aponta características do governo de Fernando Henrique Cardoso

Como vocês bem devem lembrar, no período em que muitos de vocês já haviam deixado o Brasil, nosso país passou a ser gerenciado por um governo que nos trouxe o benefício de um plano econômico mais estável, mas, em contrapartida, se entregou ao neoliberalismo, e o que vimos foi um aumento do desemprego, de nossa dívida, devido às privatizações, e um grande aumento da desigualdade, devido à falta de assistência social.

¹ Texto recuado e em itálico é referente à Carta de Maria (aluna de graduação em História-UCS).



Um dos textos analisados sobre o contexto de 1994- 2002 foi “Balanço do Neoliberalismo” de Perry Anderson, do qual salienta-se a referência ao contexto

O remédio, então, era claro: manter um Estado forte, sim, em sua capacidade de romper o poder dos sindicatos e no controle do dinheiro, mas parco em todos os gastos sociais e nas intervenções econômicas. A estabilidade monetária deveria ser a meta suprema de qualquer governo. Para isso seria necessária uma disciplina orçamentária, com a contenção dos gastos com bem-estar, e a restauração da taxa "natural" de desemprego, ou seja, a criação de um exército de reserva de trabalho para quebrar os sindicatos. Ademais, reformas fiscais eram imprescindíveis, para incentivar os agentes econômicos.

Além da referência citada, os acadêmicos pesquisaram e apresentaram exemplos de ações afirmativas com o intuito de desconstruir o endereçamento da imprensa nacional. Para tanto, buscaram, dentre outros, artigos acadêmicos que defendem e que se opõem às ações tais como Bolsa Família e PROUNI. O trabalho objetivou o resgate da situação, o marco legal, dados estatísticos e análises conjunturais e regionais. As abordagens sobre as ações afirmativas e políticas públicas foram apresentadas por Maria

Foi somente a partir de 2002 que nosso país passou a ser dirigido por um governo que colocaria questões sociais que até então haviam sido negligenciadas. Estas mesmas questões que deram evasão de vocês, passaram, a partir de então a serem o foco de manutenção do novo governo. Com a eleição de Luís Inácio Lula da Silva, as primeiras ações em prol de um Brasil menos desigual, menos pobre e com mais oportunidades começaram a ser postas em prática.

Quando escreve sobre um dos programas públicos, o Bolsa Família, reflete

E o tão polêmico Bolsa Família, que ganhou cada vez mais força, ajudando inúmeras famílias a ter mais acesso a recursos básicos como saúde e educação, através da transferência direta de renda, controle e incentivo que as ajudam a superarem sua condição. Foram e são programas sociais como estes, e muitos outros, como também o “Minha Casa Minha Vida”, que tiveram uma grande parcela na redução de 75% da pobreza extrema em nosso país desde 2003, e que possibilitam até hoje que muitos brasileiros tenham acesso a condições dignas de vida.

Sendo a carta destinada aos brasileiros que saíram do país em busca de melhores condições de vida, e sendo Maria acadêmica que leu e participou de debates relativos à história política e social do tempo presente, compreende-se o tom panfletário adotado,



considerando o momento em que foi escrita. Significando Tempo Presente, FERREIRA e DELGADO (2013, p. 24)²

O que diferencia a história do tempo presente das temáticas históricas longitudinais, como já foi dito, é a proximidade dos historiadores em relação aos acontecimentos, pois são praticamente contemporâneos de seus objetos de estudo. A configuração da história do tempo presente está relacionada inexoravelmente à dimensão temporal presencial. Algumas de suas características definidoras decorrem dessa matriz nuclear.

Ao escrever sobre o ano de 2014, a remetente relaciona a situação dos países europeus para onde os brasileiros (destinatários) migraram durante as décadas de 1970 e 1980, com a do Brasil dizendo que, naquele ano, “ironicamente, a situação está se invertendo, e muitos países em que vocês vivem estão lutando contra a crise econômica mundial”, e ao relatar o Brasil sob sua perspectiva, salienta

Os inúmeros programas sociais implementados por Lula durante seus dois mandatos, e continuados pela então eleita presidenta Dilma Rousseff, tiveram um efeito admirável, colocando o Brasil em uma situação de destaque mundialmente. Não se pode negar o mérito de seus governos ao fazer com que o Brasil, em meio a uma crise internacional, possua hoje uma taxa de menos de 5% de desemprego.

Como resultado dos debates feitos em aula norteados por textos da imprensa nacional, como a Revista Veja, por ser a de maior circulação nacional, e que possui postura ideológica conservadora, e textos distribuídos pela professora, a sequência da carta aponta

Por mais que os resultados destas ações governamentais com foco nas questões sociais tenham sido muito positivos, é evidente que muitos temas ainda estão pendentes e muito do que se queira ainda não foi atingido. (...) Como vocês devem estar acompanhando, as contradições e críticas tanto ao governo Lula quanto ao atual governo Dilma estão intensas por aqui, principalmente no que diz respeito à corrupção, que, talvez por falta de memória da população brasileira, está sendo apontada como defeito de um partido e de um curto período de tempo.

Também expressa opinião sobre os movimentos contrários ao governo da época e o seu não entendimento a respeito da posição de alguns grupos sociais

Mas, infelizmente, uma grande parcela das pessoas que hoje estão nesta “onda do contra” são as mesmas pessoas que se beneficiaram, e muito, destes inúmeros projetos e ações do governo que elas estão

² <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/viewFile/90/70>



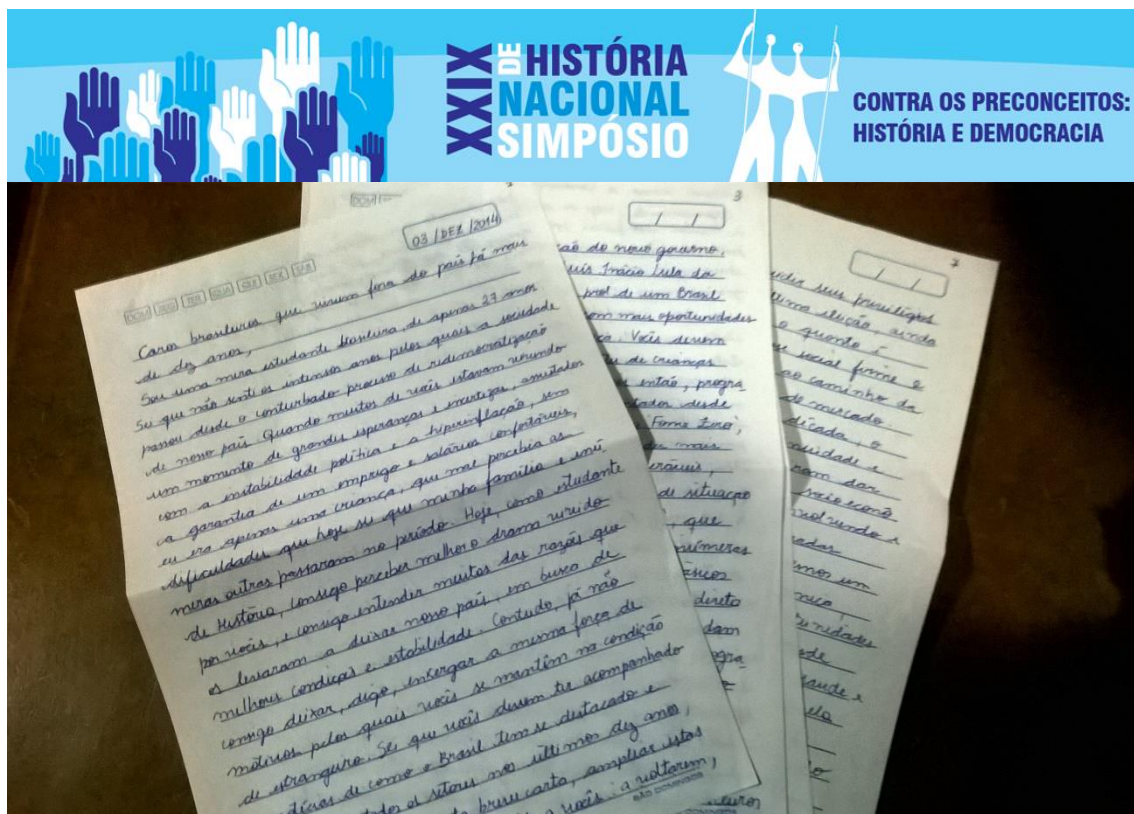
criticando. Elas parecem esquecer que, há dez anos, não tinham acesso a tantos recursos e oportunidades, tanto de emprego, como educação e lazer, e parecem se deslumbrar em fazer parte do que hoje consideramos por uma classe média mais elevada, clamando por uma verdadeira segregação dentro da sociedade, temendo dividir essas oportunidades com outros milhões que aos poucos estão ascendendo, através das políticas públicas instauradas.

A crítica às posturas conservadoras de alguns segmentos da sociedade brasileira representa resultados oriundos de leituras favoráveis e contrárias ao contexto estudado, mas, sobretudo, ao ler a carta considerando os destinatários, percebe-se a consciência histórica oriunda de sujeitos históricos que significam o ensino de história. Ao finalizar, Maria convida ao retorno

Enfim, em apenas uma década, o governo Lula e a sua continuidade e ampliação com Dilma, conseguiram dar conta de diminuir as distâncias sócio econômicas da nossa sociedade, desenvolvendo e melhorando situações sociais consideradas calamitosas em nosso país. Hoje, temos um Brasil com mais estabilidade econômica, com políticas públicas que dão oportunidades e perspectivas em todos os setores, desde emprego e estudos até mais acesso à saúde e assistência social. Não temas mais aquela realidade desgastante e incerta que fez muitos de vocês buscarem conforto fora do país. Quem sabe seja a hora de voltar.

A carta de Maria exemplifica um universo de 120 cartas acadêmicas, cujas narrativas ocorreram entre 2014 (segundo semestre) e 2017 (primeiro semestre), escritas por graduandos do curso de Licenciatura em História na disciplina de História do Brasil III. As cartas tiveram como fundo político, econômico, social e cultural, em cada semestre, períodos distintos de 1930 aos dias atuais.

Figura 2 – Folhas escritas da Carta (Maria)



Fonte: Acervo Pessoal.

Outras escritas em conclusões iniciais

Os desafios propostos aos acadêmicos do curso de história, se estenderam pela primeira vez aos alunos da disciplina Universidade e Sociedade. A referida disciplina compõe o núcleo comum, isto é, é ofertada a todos os alunos dos cursos de graduação da UCS, normalmente nos semestres iniciais. Faz parte de um grupo de disciplinas obrigatórias que podem ser cursadas a qualquer semestre, juntamente com Leitura e Escrita na formação Universitária, Ética, Seminário de Pesquisa, Universidade e Sociedade, Sociologia.

A decisão de propor aos 32 alunos do Campus de Nova Prata a escrita da carta, nos mesmos moldes oferecidos aos graduandos de História, objetivou estudo comparativo entre os resultados obtidos, os quais poderão ser analisados em outros estudos. No momento são significativos os endereçamentos feitos, pois, por tratar-se de alunos recém ingressos, acreditava-se em escolhas por parentes e amigos próximos, no entanto, houve destinatários que surpreenderam como: João Victor – Algum lugar desconhecido –, e, o destinatário sendo o próprio remetente. Os exemplos possibilitam, com a leitura das cartas, a reflexão e busca de destinatários complexos, denotando que mesmo sendo jovens em uma sociedade marcada tanto por valores oriundos do iluminismo, quanto pela liquidez, são graduandos que possuem criticidade sobre fatos de nosso contexto.



O uso das cartas pessoais como estratégia didática, extrapola as questões relacionadas ao julgar, pois permite analisar todos os processos de construção do conhecimento. Além disso, proporciona ao remetente posicionar-se como responsável direto, mais do que pessoal, sobre sua escrita e a perpetuação de memória.

Referência Bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. **44 Cartas do Mundo Líquido Moderno**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editô, 2001.

BURKE, Peter. **Variedades de História Cultural**. Rio de Janeiro: civilização Brasileira, 2000.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense, 2015.

DELGADO, Lucília de A. e FERREIRA, Marieta de M. “História do Tempo Presente e o Ensino de História”. IN: *Revista História Hoje*, v. 2, nº 4, 2013.

ELLSWORTH, Elizabeth. “Modos de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também.” IN: SILVA, Tomaz Tadeu da(org). **Nunca fomos humanos – nos rastros do sujeito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FERREIRA, Marieta de M. e FRANCO, Renato. *Aprendendo História – reflexão e ensino*. Rio de Janeiro: editora FGV, 2013.

GONTIJO, Rebeca. *O Ensino de História em Questão p cultura histórica, usos e passado*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2015.

NÔVOA, Antonio. “Carta a um jovem historiador da educação”. IN: *Historia y Memoria de la Educación*, 1 (2015): 23-58 Sociedad Española de Historia de la Educación. IN: <http://revistas.uned.es/index.php/HME/article/viewFile/14111/12822> acessado 30 de março de 2017.

SANTOS, Vivian C. C. dos. “Fazeres autobiográficos e cartas pessoais”. IN: *Leitura e escrita como espaços autobiográficos de formação* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

RÜSEN, Jörn. *O Ensino de História*. Curitiba: Editora UFPr, 2011.